



N.º 69 — LISBOA, 25 DE FEVEREIRO

2.º ANO 1904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

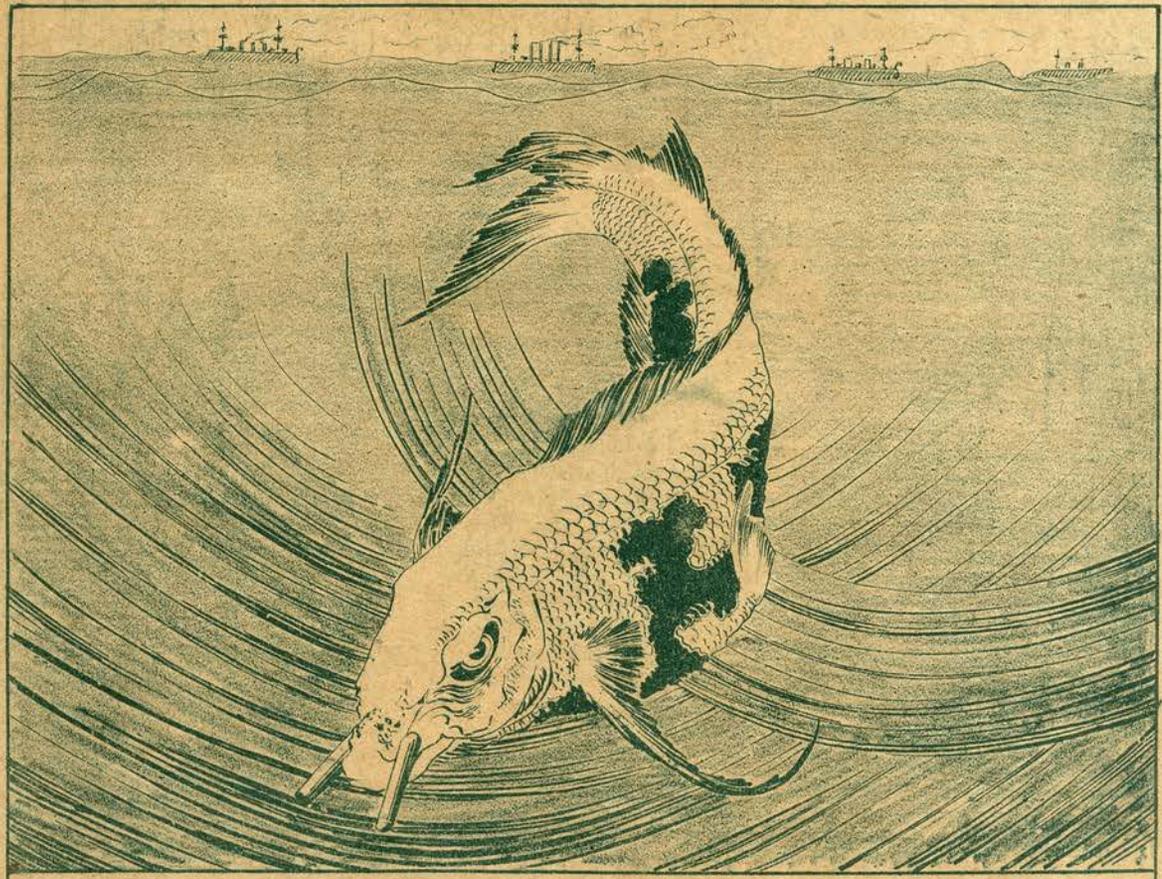
Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs
Semestre, 26 numeros..... 500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio..... 500 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1\$800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
Rua do Alameda, 39 e 34

O JAPÃO



UM PEIXE RARO

Somos nós tristes?

Acabado o Carnaval, ficou de pé esta interrogação: — somos nós tristes?

Creemos poder responder desde já a esta pergunta.

Não! Nós não somos tristes. Tão somente, nós não somos sociáveis.

O Carnaval é, d'entre todas as tradições que approximam os homens, aquella que os aproxima mais intimamente.

Os costumes, a que já se chamou a hypocrisia das nações, interrompem por um momento o rigor dos seus formalismos. A rigida intolerancia, a insupportavel secura, a latente hostilidade que dividem os homens cedem o logar á bonhomia, á affabilidade, quasi á estima.

O Carnaval é a unica tradição humana que torna os homens irmãos. O Carnaval não tem orthodoxias e fecha os olhos ás convicções de cada um. Essencialmente egualitario, não inquire por outro lado nem das gerarchias sociaes, nem das situações de fortuna. A todos os seus actos systematicamente preside este pensamento generoso: — congraçar.

O Carnaval é um armistício nas luctas humanas. O christianismo reivindicava para si o privilegio de perdoar. Só o Carnaval pagão verdadeiramente perdoa.

Sendo o Carnaval, d'entre todas as tradições que approximam os homens, aquella que os aproxima mais intimamente, o Carnaval é tambem aquella que nol-os mostra melhor nas suas reciprocas relações sociaes, civis, politicas, religiosas, economicas, intellectuaes, moraes.

O Carnaval é a sociedade.

As sociedades homogeneas, inteiricas, macissas, solidarias, fazem os carnavaes alegres.

As sociedades heterogeneas, bifurcadas, despedaçadas e molles fazem os carnavaes tristes.

Ora a sociedade portugueza está n'este caso. A sociedade portugueza não tem solidariedade. A sociedade portugueza descolla-se.

A sociedade portugueza não é sociavel. Quando o Carnaval a põe em contacto, não se aproxima—repelle-se. Embezerra, ou desata á pancada.

A sociedade portugueza não tem

solidariedade. Quer dizer, não tem destino commum. Na nossa sociedade, cada um segue o seu caminho. Quando o mesmo facto nos reúne, seja na mesma sala, seja na mesma rua, somos cerimoniaes, reservados, frios. Um ideal, a influencia de um grande facto, a certeza de uma grande força, a prosperidade commum, torna os homens fraternaes e amigaveis.

A França tem um ideal: ser forte e realizar as conquistas da Revolução; a Allemanha nutre-se da lembrança das suas victorias e da consciencia da sua força; a Italia congraça-se no pensamento da sua unidade feita; a Inglaterra tem um fim commum: engrandecer-se; o North America um outro: supplantar; a Suissa ufana-se das suas admiraveis instituições; a Scandinavia orgulha-se dos progressos da sua instrucção; a Hollanda é vaidosa das suas colonias, a Belgica da sua independencia.

O mesmo pensamento commum torna solidarios os individuos d'estas nacionalidades, estabelece entre elles um laço de parentesco, aproxima-os fraternalmente, adoça as suas relações. Quando se encontram reunidos, estes individuos são cordeaes. Essa cordialidade vem, mais do que da sua educação e da sua cultura, da communidade dos seus interesses. Um concidadão é um socio. Um socio é um amigo.

A sociedade portugueza ignora estas puras fraternisações. Quando se junta, desconhece-se.

E' o phenomeno do Carnaval — triste.

A alegria das festas carnavalescas não está no temperamento dos individuos, mas na cordealidade das suas relações.

As nossas relações são pessimas. Por isso, ou não renunciámos á hypocrisia dos costumes e fazemos as nossas funebres batalhas de flores, ou quando renunciámos a ella, renunciámos a todo o freio humano e fazemos então os nossos abominaveis bailes de mascarar.

O Carnaval não nos diz que sejamos tristes. O que elle nos diz é que somos indifferentes.

Uns aos outros.

JOÃO RIMANSO.



O que por ahí vae!

Um lá das margens do Douro
Falou, e falou de papo,
E até com fúrias de touro,
Contra o pagarmos em ouro
E recebermos em trapo.

Outro, pimpão dos pimpões,
Aconselha, resolutio.
A' maneira dos Catões,
Fechar á bolsa os cordões
E não pagar os tributos.

(Este senhor não é rombo;
Mas, segundo desconfio,
Não sabe que o Zé tem lombo,
Que está farto de ser bombo
E que as espadas tem fio!...)

Que é preciso faltar bem
A grande classe operaria;
Dar-lhe a carinha do asem...
Regalo apenas de quem
E' pessoa millionaria!

(Uma ideia luminosa,
Que o homensinho participa
Com intenção caridosa,
A essa gente industriosa
Que se contenta com tripa!...)

Outro quer que a salvação
Não se peça ao Parlamento...
Porque (é sua opinião)
Não abichar a nação
Representante em S. Bento!

Ideia das arrogantes,
Talvez das menos sensatas!
Chamar aos preopinantes
Illustres representantes
Do carneiro com batatas??!

Muito discurso estoirando!
Palavras é o que eu vejo!
O Zé Povinho esperando...
E a coisa vae caminhando
Na maré do caranguejo!

Diz um padre, meu patricio,
Que isto está mau, muito mau...
Ameaça um precipicio,
Se não nos vale o comicio
Feito na Perna de Pau!

GALHARDO.



Notiola alarmante

Disse-se que a Inglaterra nos enviou uma nota diplomatica de natureza muito particular a respeito da guerra do Extremo Oriente, propondo guarnecer os nossos portos com tropas inglezas.

Parece que o governo respondeu não ser isso preciso, e afim de justificar tal resposta logo se deram ordens para a mobilisação de quinze mil homens.

Está sendo ligada a este facto uma grande importancia por parte das creadas de servir.

Cura difficil

Declara um medico allemão que descobriu um meio de curar, sem operação, a terrivel apendicite.

Consiste o remedio em andar uma pessoa «a quatro pés». Diz o sabio que o costume de andar sobre os dois pés obriga os musculos abdominaes a um esforço que a natureza não previu, e d'ahi o mal, de que estão sendo atacadas tantas pessoas illustres.

E' muito possivel que assim seja. Estamos em cré-lo.

Infelizmente, porém, afigura-se-nos que a cura da apendicite indicada pelo medico allemão não é coisa accessivel a todos os doentes.

Andar a quatro pés—é facil de dizer. Mas pôde, porventura, fazê-lo toda a gente?

Não, decerto.

Porque a condição essencialissima, para isso, é ter os quatro pés.

De modo que tal remedio será privilegio apenas de alguns membros da Academia, e de poucos mais.

**Lanterna magica**

Caracoles, o nosso galhofeiro collega da Vanguarda, teve a amabilidade de nos enviar o *Almanach da Lanterna Magica* publicado sob sua direcção. O calendario que elle traz é para 1904, mas tudo o mais que se contém nas suas paginas é para todos os tempos, emquanto houver sobre a terra quem procure, em prosa ou verso, estimulantes para o bom humor.

Cruz Moreira é ainda hoje um dos raros portuguezes que não crêem que tristezas paguem dividas, fundamentando esta sua crença no facto de toda a gente andar por ahí tristissima e o deficit cada vez maior.

Diz elle que os tempos não vão para choros, e por isso nos remette o *Almanach da Lanterna Magica*, que é pois o melhor para regular estes tempos.

Agradecemos-lhe o favor, que não é pequeno.

**O pavor da estatistica**

As estatisticas de Londres indicam factos espantosos.

Uma d'ellas, a mais recente, mostra que existem na grande cidade 30.000 viuvas, sem recurso de especie algum.

Oh, abençoado Portugal, onde a viuva mais desolada encontra sempre algum recurso!

A civilisação e a policia

O segundo carnaval civilisado veio demonstrar que nada ha mais facil do que reformar costumes:

O Carnaval era sujo, o carnaval era immundo. Com um simples edital da policia ficou limpo.

Poude-se transitar pelo Chiado; poude-se transitar por toda a parte e, se não houve alegria, houve asseio.

E' tudo?

Não.

Houve asseio, mas houve ainda muita bebedeira e muita pancadaria.

O Carnaval foi apenas civilisado consentindo em não nos sujar, mas ainda não acquiesceu em não nos bater.

Como conseguir que o Carnaval seja cordato, depois de termos conseguido que elle seja limpo?

Muito simplesmente—pela policia.

E' lamentavel que confitemos á policia não já o encargo subalterno de policia as ruas, mas a alta missão social de corrigir os costumes. E' lamentavel, mas é o facto.

A policia em Portugal tem mais acção nos costumes do que a moral, a educação, a cultura, o gosto.

O paiz é, ou pelo menos Lisboa é o que a policia quer que ella seja.

Ha tres annos, a policia decretou um carnaval selvagem e Lisboa deu o espectáculo de uma lupercalia de botocudos. Este anno, dictou ella uma festa amavel e Lisboa foi amavel. Assim como ha dois annos se saquearam as padarias e os depositos de cal e gesso, este anno poz-se em contribuição os confeitores e os floristas. No Chiado, exgotadas as violetas, atiraram-se bonbons de *chez Marquis*.

Optima coisa!

Resta a embriaguez. Resta a briga. E' simples—prohibil-a.

Que assim como a policia decretou as flores para uso externo, assim ella decreta a agua do pote para uso interno nos tres dias do carnaval.

A civilisação portugueza—eis o facto—está nas mãos do senhor major Dias.

**A Arcada**

Consta que o Sr. Augusto Lousa passará de inspector dos bens nacionaes a inspector dos impostos.

Pois ainda ha, porventura, outros bens nacionaes que não sejam os impostos?

**Vatolinio da parteira**

Quando eu nasci á luz, mui pequenino, (Pobre da minha mãe se assim não fóra!) Logo vim com a manha berradora, Guinchei com maior força que um cochino!

—«Nasceu com o feitio de rabino!»
Disse a minha parteira, uma doutora,
—«Se chegar a ministro em boa hora Talvez mostre feitio oombalino!...»

Fui crescendo, crescendo; e já não cresço; Segui variadissimas derrotas... E o vaticinio se virou do avesso!

Depois de andar no mundo ás cambalhotas, Depois de imaginar chegar a Cresso, Faço versos... e sei engraxar botas.

PAIO PIRES.

**Creados discretos**

Agostinho é um antigo creado de boas casas, educado em todos os trucs e subtilidades da chamada gente fina.

Antes de vir servir em casa do Visconde, estivera em casa de um diplomata, e ahí completara a sua educação. Hoje, tem toda a linha de um creado de comedia-drama, á Dumas filho, d'estes que apparecem discretamente ao fundo no momento em que vae cair o panno, e dizem:

—«Madame est servie!»

Um d'estes dias, Mendonça e Costa foi procurar o Visconde.

—«O senhor Visconde, está?»

—«O senhor Visconde não está visivel...» explicou Agostinho.

—«Não tem duvida... disia então Mendonça e Costa—eu trago um microscopio!»

**Um que não é oá dos meus**

Politico, sem ser azul e branco, Mas vermelho inda mais que a malagueta, Lá no Porto entendeu ser grande petá, O que promete o nosso amigo Franco.

Pois esse pensador é de olho manco, Anda mui precisado de luneta; Se o Franco esconde a bellica trombeta Ficamos atolados no barranco!...

E' certo que a descrença nos invade, Mas para os equilibrios de maroma Não falta neste mundo habilidade.

Não mando crêr nas lérias de Mafoma; Mas temos, infalliveis na verdade, O Franco em Portugal, o Papa em Roma.

FRAN-CACIO.



O PERIGO AMARELLO



A guerra

Um redactor do *Correio Nacional* obteve uma interview com o Sr. Alexandre Von Koyander, ministro da Russia entre nós, afim de conhecer a sua auctorizada opinião sobre o actual conflicto do Extremo Oriente.

Como o assumpto é cheio de interesse e momentoso, com a devida vénia reproduzimos as passagens mais palpitantes da ousada interview.

«...Dirigimo-nos pois á legação russa, hontem pela tarde... Entrámos num aposento amplamente banhado pelo sol que atravessa as rasgadas janellas, pelas quaes se entre vê lá longe o Tejo, como num soberbo e magico diorama. O mobiliario era luxuosamente singelo: livros, mesas, banquinhos turcos e persas com magnificas incrustações de madre-perola, sofás e poltronas de coiro da Russia, e no ar um vago perfume de tabaco oriental. O ministro russo tinha-se posto de pé, e adiantou-se para nós, estendendo-nos a mão e, indicando-nos uma poltrona com um gesto, sentou-se no sofá, perguntando em francez, com um sorriso de exquisita amabilidade:

—«Em que lhe posso ser util?»

Nesta altura, o redactor do *Correio Nacional* refere que, expondo ao Sr. Ministro da Russia o fim da sua visita, aproveitou o ensejo para lhe dizer qual era a sua propria opinião a respeito da actual guerra, e acrescenta:

«Emquanto eu falava, animando-me gradualmente, o Sr. Koyander sorria e aprovava com a cabeça; quando conclui, disse:

—«Vous avez très bien compris la situation!»

Estimulado por este amavel cumprimento, o nosso collega entrou em detalhes. Falou do exercito russo, mostrando-se ao facto da sua indisciplina, da propaganda anti-militarista movida pelo contagio do internacionalismo, de que têm sido apostolos eminentes Tolstoi, Kropotkine, e os nihilistas. Não occultou os seus receios por um triumpho do Japão, e lamentou que a Russia se tivesse envolvido num conflicto que tão nefasto pôde ser. De vez em quando, fazia uma pergunta. E o Sr. Ministro respondia:

—«E' difficil responder... Não sei... Talvez... Não estou informado...»
No fim, conta o redactor do *Correio Nacional*:

«Sua excellencia estendeu-me a mão e inclinou-se, deixando ver mais uma vez o seu amavel sorriso; depois, por um cumulo de amabilidade, acompanhando-me até ao principio da immensa escadaria, recommendou-me:

—«Seja discreto!»

Era uma ordem. E o redactor do *Correio Nacional* foi d'uma descripção absoluta. Não houve meio de se saber a opinião do Sr. Ministro da Russia a respeito da guerra com o Japão!

**Um projecto sem discussão**

Tatando se na Camara dos Deputados do parecer sobre as emendas do projecto de novação dos contractos com o Banco de Portugal, disse o Sr. Anselmo Vieira, relator, que, como não vira impugnar taes emendas, não iria, por sua parte, fazer resurgir a discussão do projecto, discussão que seria inerte, por já não poderem apparecer argumentos novos; e, por isso, não faria discurso de pontifical de uma hora e um quarto, «porque d'ahi só resultava estar-se já na altura em que se estava da sessão, e não haver um unico projecto na Camara dos Pares».

O Sr. Major Machado:

—«Perdão, isso não é bem assim... Na Camara dos Pares já ha um projecto—que é o de fazer passar todos aquellos que o governo para lá vae mandar!»

**Tuberculose social**

No tempo em que é já ditoso
Quem pôde comer batatas,
Anda o medico famoso
E o pobrete escrophuloso
Pedindo cazas baratas.

Em bairros chejos de lixos,
Com casaz chejas de rombos,
Ratazanas e outros bichos,
Moram familias em nichos
Como gaiolas de pombos!

Os nossos ricos Pancracios,
Ou brazileiros ou não,
Só sabem fazer palacios
Para os gordos Anastacios
Que pagam com larga mão.

Os pobres vêem-se em febres,
Passam larica, dão ais
Dentro dos covis de lebres...
Vendo minguar os casebres
E os palacios serem mais!

A D. Tuberculose
(Que é doutora em taes assumptos)
Vendo o caso, toma pose,
E vae augmentando a doze,
Dos pequerruchos defuntos!

O medico a paga alcança,
Alega-se o cangalheiro,
O padre apanha pitaça...
E a humanidade creança
Leva propina ao coveiro!

Marinha de guerra em tempo de paz

Na Camara dos Deputados, o Sr. Avelino Monteiro, que é official da armada, fez afirmações devéras deploraveis a respeito da construção da canhoneira *Patria*, saída do nosso Arsenal de Marinha.

Disse que a estabilidade foi muito mal estudada, apresentando a peor curva de estabilidade de todos os nossos navios de guerra; disse que as suas chapas são tão delgadas, e as suas cavernas tão afastadas, que nem sequer pôde considerar-se segura contra o risco de sinistro marítimo; disse que os seus roboletes são tão exagerados, que quasi excedem a quilha, de modo que, se um dia aquelle navio encalhar, inclinará todo sobre o robolete, e será inevitavel o arrombamento... Disse cobras e lagartos, em summa.

Quando o illustre deputado terminou o seu discurso, e o Sr. Ministro da Marinha ia levantar-se para lhe responder, um continuo entregou-lhe um bilhete.

O Sr. Gorjão desdobrou, e leu:

«Honrae a *Patria*, que a patria vos contempla!»

Era um bilhete do Sr. Ferreira do Amaral, inspector, como se sabe, do Arsenal de Marinha.

**De borla**

Saindo dos seus habitos de critica complacente, o *Diario de Noticias* atirou-se á peça que o Sr. Camara Lima traduziu de Courteline, e que foi posta em scena no Theatro de D. Maria. Mas atirou-se sem denodo, e limitando o seu desagrado a meia duzia de linhas.

—«Foi uma carga de cavallaria ligeira...» commentava alguem.

No *Sub-prefeito de Chateau-Buzard*, que Eduardo Garrido arranjou para o Theatro de D. Amelia, ha uma infinidade de trocadilhos e calembours que quasi passam desapercibidos, tal é a rapidez com que se succedem uns aos outros.

Assim, na scena em que Augusto Rosa de balde procura ler o telegramma em cifra do commissario de policia, Garrido mettu esta, que é absolutamente de sua casa:

—«J J 32... P, 5... F J L...»
O resto é tudo H H H—mas nem por isso me acho mais esclarecido!»



O cão e o lobo

(FABULA DE La Fontaine)

Fieis rafeiros o gado
Guardavam de tal maneira,
Que andava um lobo coitado,
Mesmo a cair de lizeira.

Este lobo encontra um cão,
Bicho de melhor fortuna,
Que nedio, gordo e pimpão,
Farejando andava á tuna.

Lembrou-se o lobo esfaimado
De ataca-o no caminho,
Mas o cão era alentado
E não tinha bom focinho.

Humilde chega-se a elle,
Com voz de extrema brandura;
Gaba-lhe o liso da pelle,
O talhe esbelto, a gordura.

—Pojs escuta, amigo meu,
Responde o ditoso cão,
Se engordar queres como eu
Tens isso na tua mão.

Deixa os bosques intrataveis
Que buscas para retiro,
Onde irmãos teus, miseraveis,
Morrem á fome ou á tiro.

Avia-te, vem comigo
E cre nas minhas promessas,
—Que cumpre e fazer, amigo,
Por uma pechincha d'essas?

—O trabalho pouco importa,
E' ligeiro e não molesta;
Enxotar pobres da porta
E aos amigos fazer festa

O lobo, apressando o passo,
Anela um viver tão bello;
Eis que do cão no cachapo
Vê uma falta de pello.

—Diz-me, porque é que o peçoço
Trazes d'uma tal maneira?
—Ao certo dizer não posso...
Provavelmente a colleira...

—Pojs podes gosos fruir
Quando o grilhão te molesta?
Isto diz, deita a fugir,
E inda corre á data d'esta.

E ha por ahí gente em barda
Que, em lugar de erguer a grimpa,
Não só aguenta a albarda...
Dá vivas a quem lh'a chimpa!!!

CAPAS

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes que já estamos habilitados a satisfazer todos os pedidos de capas — os quaes serão immediatamente satisfeitos — vindo acompanhados da importancia de 740 réis, — sendo 700 para a capa e 40 réis para porte do correio.

Egualmente prevenimos os nossos prezados agentes de que não podemos satisfazer-lhes os pedidos que não venham acompanhados das respectivas importancias, por isso que o serviço de capas e encadernações corre este anno desligado dos demais serviços d'esta empresa.

Fica assim dada resposta aos innumerados pedidos que temos recebido fóra d'estas condições.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Rua do Gremio Lusitano, 66, 1.º

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

Faz-se publico que desde 13 de janeiro de 1904, serão vendidos bilhetes directos de todas as classes, em serviço combinado, entre as linhas do Sul e Sueste e as da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, quer pela via Barreiro Lisboa, quer pela via Vendas Novas-Setúbal.

São egualmente aceites expedições de toda a especie em grande e pequena velocidade por qualquer das duas vias, aos preços das tarifas gerais ou a species mais baratas, ap' l'icave a cada percurso.

São, entretanto, exceptuados dos transportes pela via Barreiro-Lisboa, os seguintes:

Cães, vehiculos em grande velocidade, transportes funebres, touros, animaes não domesticos, material circulante, retorno de taras varias, mercadorias a granel, volumes de peso até 10 kilos expedidos pelas tarifas n.º 8 de grande velocidade de ambas as Administrações e todos e qualesquer transportes de ou para o Ramal de Cascaes.



Os celebres gabões d'Aviro
Não ha em Portugal quem venda
mais barato e mais bem feito
do que o

JOSÉ CLEMENTE
51—Rua da Escola Polytechnica—55

Ainda outra sorte grande

Em cautelas da firma

Campião & C.ª

118, Rua do Amparo, 118

LISBOA

4073 caut. e vigesimos 12:000\$000

O bilhete da sorte grande foi subdividido em 10 vigesimos e 43 cautelas sendo: 2 de 200, 11 de 100 e 30 de 50 réis.

4073	12:000\$000
4072	1320 00
4074	1200000
911	1005 00
2171	1000000
3708	1000000
4805	1000000
5150	1000000
6723	1000000

Proximas loterias

26 de fevereiro, premio maior.....	12:000\$000
4 de março, premio maior.....	25:000\$000
30 de março, premio maior.....	40:000\$000

Pedidos aos cambistas

Campião & C.ª

FILTROS PARA AGUA
Mallé, poroellena de amianto, sem velas, nem ligações de borraoha

A SUPERIORIDADE da porcelana de amianto como materia filtrante foi reconhecida pela Academiã das Sciencias de Paris, que, na sessão de 18 de dezembro de 1903, lhe concedeu o Prix Montyon.

Deposito: Antiga casa José Alexandre, Rua Garrett, 8 a 18



JAZIGOS

Feitos espella, pyramide, toma-se encomenda: Remettem-se desenhos.

Christiano Teixeira

T. da Queimada, 45 a 49

Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa
de fabrico e
concertos



Jóias
com brilhantes
Preços limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

ENCADERNAÇÃO

Simple e de luxo, cartonnagens, dourados em fitas para cordas e em toda a qualidade de pelles. Casa premiada em diversas exposições.

Paulino Ferreira

126, Rua Nova da Trindade, 132

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Fiel

Extirpações sem dor de todos os callos, serviços antisepticos, etc. Cura radical de unhas encravadas, etc.

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

JOIAS

ANTIGAS ou modernas, ouro, prata, cantellas do Monte-Pio Geral, compra-se rua do Ouro, 250.

Callista

pedicaro

JERONYMO FERNANDES

Empregado da casa Ornella

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.

Ped-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

POR 600 RÉIS

Ser photographo!

Appareho completo com accessorios, livro expli. attivo ao alcance de qua quer tirar retratos, por 600 réis, provincia 650 réis.

Pedir catalogo. os illustrados. Capas para a encadernação d'ea Parodia, 1.º, 2.º e 3.º anno. Empaste 200 réis.

Alves & Ferreira

226, Rua Augusta, 222

CARNAVAL FUTURO

Kermesse de Folia e de Prazer



ASPECTO DO CHIADO

CH